

Da Roça a Periferia

Tema: Êxodo rural formação das periferias nos grandes centros urbanos.

Objetivo: Discutir o processo de expulsão da população rural e a sua reterritorialização e adaptação ao meio urbano.

Personagens: Zé

Maria

Joana

Coronel

Corretor

Filhos (de um a quatro)

Figurantes: Quatro ou mais. Os atores que fazem Zé e Maria são fixos; os demais podem fazer as figurações.

PRÓLOGO

Esta é uma pequena peça baseada em fatos reais relatados por alunos das escolas públicas de Nova Iguaçu e Niterói, sobre as trajetórias percorridas por suas famílias até fixarem residências nos bairros periféricos destas cidades. Esta dramatização contém ainda elementos retirados do estudo sobre a formação e a construção social do espaço urbano na periferia das grandes cidades e do próprio processo de transformação econômica e social do Brasil.

Para complementar, esta peça é fruto de minhas experiências pessoais como professor de Geografia, como morador da periferia e como cidadão.

Lembramos ainda que, embora a referência seja Nova Iguaçu, São Gonçalo e Niterói, os fatos aqui descritos podem ser vistos em quase todas as grandes cidades brasileiras e poderiam ter ocorrido com qualquer um dos milhões de moradores pobres destas cidades, por isso advertimos que QUALQUER COINCIDÊNCIA É MERA SEMELHANÇA.

CENA I

Narrador – Estamos em algum lugar do interior do Brasil durante os anos 1950, 60, 70 e quem sabe 80, 90, 2000, 2010...

No sítio.

Mulher sentada (grávida), criança brincando, ao fundo a canção “Fazenda”, com Milton Nascimento. Homem chega, tira o chapéu, coça a cabeça e olha cabisbaixo para a mulher.

Maria – Ué, home? Vortô mais cedo da roça?

Zé - É, Maria o coroné mando me chama. Ele quer falá comigo.

Maria – Sobre o que, sô?

Zé – Ieuseilá? Num sei o que aquele disgramado quer. Boa coisa num é.

Maria - Que isso, Zé! O coroné é um home tão bõ, faiz três ano que ele comprô nossas terra e deixo que nós continuasse nela.

Zé – É, eu sei. Mas ele num pagô o preço certo e também num paga um salário bõ, nem aqueles tar de direito sociá.

Maria – E quem paga isso pur aqui? Além do mais. O que a gente pranta num é nosso? (coçando a cabeça) Qué dize,... quase tudo...

Zé – Quase tudo...! Quase nada!. Mais da metade vai pra ele e se eu num trabaiá por aquela miséria que ele paga, ele bota nós pra fora.

Maria – Tá bõ, tá bõ, mas vê lá o que cê vai dize pro home. Lembra que ele deu os tijolo pra nós faze o galinheiro.

Zé – Maria, deixa de sê boba, muié... Cê num viu que era época de eleição e ele só feiz isso pra nós votá naquele deputado safado que ele trouxe aqui.

Maria – Vai lá, Zé, mas vai cum carma... (levantando e fazendo expressão de dor ao mexer na barriga) Eu vô cuidá da horta enquanto eu agüento essa barriga, daqui a pouco nasce outro mortinho de fome.

*O marido se despede, a mulher vai para a horta e começa a capinar. Entram os figurantes, cada um fazendo uma atividade de roça. Ao fundo a música **Cio da Terra**, de Milton Nascimento e Chico Buarque.*

CENA 2

Na fazenda.

Coronel está sentado na cadeira de balanço. Zé chega, tira o chapéu.

Zé – Tarde, coroné.

Coronel – (Sem virar o rosto) Tarde, Zé.

Zé – Coroné mandô me chama? Qué falá comigo?

Coronel - Quero sim, Zé. Você sabe, a coisa não tem andado muito boa. Não tem chovido, o preço da cana tá baixo...

Zé - É mermo?

Coronel – É, Zé. Você é que é feliz, não tem que se preocupar com essas coisas, com o preço da cana, com a Bolsa de Valores, com os juros do Banco.

Zé – Se o coroné quisé me dar uma dinheirama aí, eu me preocupo junto com o Sinhô.

Coronel - (Ri um pouco e pára) Bom, vamos aos negócios. Como eu disse, a coisa tá feia. O dinheiro não está dando nem para as despesas, de modo que eu estou pensando em mudar de ramo.

Zé - Vai vendê a fazenda, coroné?

Coronel - Não, mas vou mudar algumas coisas. Vou comprar uns tratores e vou criar gado lá pros lado do Rancho Fundo.

Zé – Mas é lá que eu moro, coroné. E com esse bichos aí que eu nem sei dirigi e com os boi que num precisa de mais de três peão por boiada, o que qui eu vô fazê por aqui?

Coronel – Nada. É por isso que eu chamei você aqui. Eu sinto muito, mas você vai ter que sair daquelas terras.

Zé – Mas, Coroné..., sem emprego e sem terra, cume que eu vô vivê? Vô cume o quê? Vento?

Coronel – Não posso fazer nada Zé, você sabe... mas, mês que vem chega a boiada e se você não sair por bem, já sabe... vou ter que chamar os jagunços.

Zé – Carece não, coroné. Eu saio (pausa). Só mais uma coisa.

Coronel – Fala, Zé.

Zé – O Sinhô não é mais padrinho dos meus fio (vira as costas e vai embora).

Coronel – (Ameaça levantar e senta-se) Ô gatinha mal-agradecida.

CENA 3

No sítio.

Zé chega carregado por duas pessoas. Está bêbado e machucado. Maria corre para ele.

Maria – Zé, home! O que aconteceu? (Sentindo o cheiro da bebida) Cê num falô qui num ia bebê mais, seu disconjurado?

Zé – Ai, Maria, eu falei: mas a curpa é daquele fio do cão do coroné. Ai!

Maria – Qué qui ele feiz, bateu em ocê?

Zé – Pior. Ele expulsou a gente daqui.

Maria – Ai, meu Deus! Que qui a gente vai fazê?

Zé – Vamo ter que sair pra bem longe daqui.

Maria – Cê num pode trabaiá lá na Vila?

Zé – Eu já fui lá, tá uma miséria de dá gosto. Foi pur isso que eu enchi a cara.

Maria – E pru que cê se machucou? Cê brigou?

Zé – Não. (Dando uma risadinha) Cê sabe, né? Quando eu tô bêbo, vejo tudo dobrado, vejo tudo duas veiz.

Maria – E daí?

Zé – Daí que eu vinha pela estrada, aí eu vi duas pontes e dois barranco. Ai!

Maria – E aí, Zé?

Zé – Aí eu pisei na ponte que num era ponte e caí no barranco que era barranco, ai!

Maria – Vem cá, que eu vô cuidá de ocê.

Os dois saem.

Pausa. Os dois conversando.

Maria – Vamo pro Rio, Zé.

Zé – Pra cidade grande, Maria? Que qui eu vô faze lá, eu só sei trabaiá na enxada e lá num tem roça.

Maria – A minha irmã já escreveu duas vez chamando a gente. Ela arruma um lugá pra nós morá e um emprego pr’ocê. Aqui a gente morre de fome.

Zé – Tá bão, vamo escrevê pra ela (pegando papel e lápis).

Maria – Lá vai sê mió, tem coisas bonitas, escola boa pro Zezinho e pro outro qui vai nascê, um hospital bão.

Zé – Escreve aí, vai. Eu tô sem os meus óculo e tô cum tremedeira nas mão.

Maria – Qui conversa é essa, home? Tu é anarfabeto, isso sim.

Zé – Num precisa ofendê, né! Toma, escreve aí que nós vai na sexta.

Maria – Hum... (Coçando a cabeça). Sexta é cum esse ou cum xis?

Zé – Ara! (Coçando a cabeça) Põe aí qui a gente vai viajá no sábado.

Maria – É mió, é mió, vamos arrumá as coisa.

Enquanto o casal arruma as malas, a ação se muda para a rodoviária.

*Na rodoviária entram os figurantes, cada um representando um comportamento típico deste local: um pede esmola, outra vende bala, outros vagueiam de um lado para o outro. Em seguida a família de Zé se junta aos demais. Ao fundo a música **Brejo da Cruz**, de Chico Buarque. Quando a música acaba, todos saem cabisbaixos.*

CENA 4

Narrador – Depois de uma longa viagem, ao chegar ao Rio começam as dificuldades. Morar... só na favela; emprego, os piores possíveis; falta escola para os filhos, assistência médica, etc.

Na casa de Joana, irmã de Maria, os três estão conversando.

Zé – Sabe, Joana, o negócio aqui tá pior do que lá, faz três anos que eu to aqui e só arrumo emprego de servente de obra, só agora é que eu consegui ser pedreiro.

Maria – E o salário é uma miséria, mal dá pra comida e pro aluguel desse barraco. E olha que eu lavo roupa pra fora.

Zé – O pior é esse aluguel, a gente tem que ter nosso cantinho. Toda vez que acaba a obra eu sou mandado embora e é aquele sufoco.

Joana – Mas com esse salário que você ganha, só indo lá pra dentro. Por aqui não dá nem pra comprar um quartinho.

Zé – Como é que eu vou poder comprar um casa, então? Pra mim, pras crianças. Não demora muito tem outro aí. *(Olha para o barriga de Maria, grávida de novo)*

Joana – Casa eu não sei, mas lá no armazém teve um cara distribuído essas propaganda de terreno. *(Passa o folheto para Zé)*

Zé – Mas que belezura, cheio de verde, de morro e com esse riozinho até parece nossa rocinha.

Maria – Nem fala, eu sinto a maior saudade de lá, das festas, da conversa, dos vizinhos. Aqui todo mundo só olha pro seu nariz.

Joana – É Maria, nunca as pessoas estiveram tão perto umas das outras, mas nunca estiveram tão distantes. O corpo tá perto, mas a cabeça e o coração tão longe...

Zé – Amanhã eu vou lá nesse lugar. *(Levantando-se)*

CENA 5

No outro dia, no loteamento.

Zé está olhando um folheto, o corretor ao seu lado.

Corretor – Estou lhe dizendo, seu Zé, esse lugar é uma maravilha, cercado de montanhas, de verde, com esse riacho doce por perto, água e luz à vontade e ônibus a toda hora, perto da estação de trem. Uma beleza.

Zé – Eu num sei... *(Coçando a cabeça)*

Corretor – Veja bem, seu Zé, até mesmo o nome é bonito: *Vivendas de Belford Roxo*. E olha, já está acabando...

Zé – Mas num é caro?

Corretor – Que nada! O Senhor dá uma pequena entrada e paga em suaves prestações sem juros.

Zé – E quanto é a entrada?

Corretor – Quanto o Senhor tem aí?

Zé – Tirando o da passagem, uns... cinquenta reais.

Corretor – *(Arrancando o dinheiro do Zé)* Negócio fechado!

Os dois saem, com o corretor explicando como chegar ao lote.

CENA 6

Mais tarde na casa de Joana.

Maria espera ansiosa. Zé chega se arrastando.

Maria – E aí, Zé? Por que cê demorou tanto?

Zé – Ai, meu pés, vendedor desgraçado!

Maria – O que foi? O terreno não é bom? Não tem ônibus?

Zé – Toda hora. As duas, as três, e o danado das quatro quebrou e eu voltei andando umas duas léguas até a estação do trem... Ai, meus pés!

Maria – E as montanhas?

Zé – Uma pirambeira, é lá no alto do morro.

Maria – E o verde?

Zé – Tem mato pra tudo que é lado. Tem até cobra cascavel.

Maria – E o riacho doce?

Zé – É um valão fedorento, cheio de mosquito.

Maria – E a água e a luz?

Zé – Água só da chuva, luz só do sol e quando tem.

Maria – Pelo menos é nosso, né?

Zé – É, né? O problema agora é construir a casa.

Maria – O jeito é fazer no sopapo.

Zé – Eu vou levantar umas paredes, chamar o pessoal pra virar a laje, aí a gente muda e vai fazendo o resto aos pouquinhos.

Maria – E quando for virar a laje, deixa que faço a comida. Mas já sabe: enquanto ela não subir, nada de comida ou bebida, senão dá moleza e o pessoal não trabalha mais.

Zé – Vamos lá. Ai meus pés...

*O casal sai, depois entra com outros figurantes, começam a trabalhar construindo a casa. Ao fundo a música **Construção**, de Chico Buarque.*

Logo depois entra o narrador.

Narrador - Durante anos Zé trabalhou duro, fazia hora extra, construía a casa nos fins de semana e nos feriados, sacrificando o seu tempo livre. Maria lavava roupa para fora, para ajudar nas despesas e comprar o material de construção. Alguns amigos ajudavam, ele ajudava os amigos. Com o tempo começou a luta por melhores condições de vida. Brigou-se pela água, pelo esgoto, por luz, escola, transporte, etc. Algumas vezes conseguiam, outras não. O bairro se transforma, alguns saem, e começam tudo de novo em bairros mais distantes, os que ficam começam a se identificar com o bairro e a entendê-lo como uma obra coletiva.

CENA 7

Depois de alguns anos. Zé e Maria fazem um balanço de suas vidas

Na casa de Zé e Maria.

Maria – Nossa casinha ficou bonita, não é, Zé?

Zé – É mesmo, e o melhor de tudo, ela é nossa, construída por nós.

Maria – Foi duro, seria melhor se a gente pudesse ter comprado uma pronta.

Zé – Pra isso a gente tinha que ganhar um salário decente ou o governo dá uma ajuda. Mas nós chegamos lá. Cadê Zezinho, Zefinha, Mariazinha e Tuninho?

Maria – Tá doido, homem? Tão na escola.

Zé – Ué? Num tava de greve?

Maria – Estava, mas os professores e funcionários conseguiram uma vitória e a greve acabou.

Zé – Por falar em luta, hoje tem reunião na Associação de Moradores, é sobre o esgoto.

Maria – A briga vai ser feia. Você se lembra como nós conseguimos a água?

Zé – É. Depois ainda veio aquele vereador com a cara de pau de falar que deu a água pra gente.

Maria – Deu nada! Nós é que conquistamos, com muita briga, como tudo que nós temos.

Zé – As coisas quando são feitas lutando junto ficam mais fáceis.

Maria – Tem razão, mas não é só briga não, a diversão tem que ser junta também. Por falar nisso, vamos lá pra escola, tem festa hoje, tem até peça sobre um casal que veio do interior para a cidade grande.

Zé e Maria - Hum, eu já vi essa história.

Ao final os filhos voltam e chamam os pais para a festa.

FIM